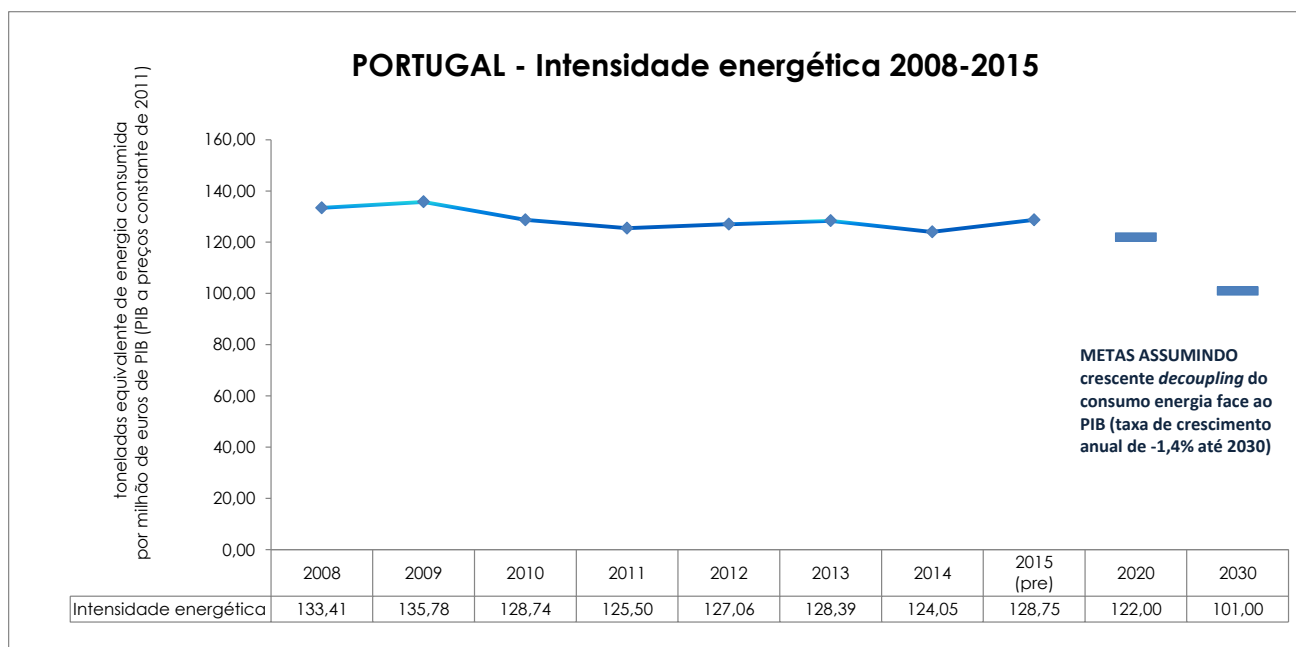


CARACTERÍSTICAS

- Periodicidade: anual.
- Âmbito Geográfico: nacional
- Desagregação setorial: sim
- Origem dos dados: DGEG; INE; Eurostat



ESTADO DE ARTE

Portugal tem vindo a reduzir a intensidade energética da economia desde 2005, mas mantendo valores acima da média da UE-28, ou seja **ainda com défice de eficiência**. Convirá reflectir sobre causas e efeitos de **interrupção da trajectória de descida no consumo de energia final e da dependência do exterior em 2015**

SIGNIFICADO E LIMITAÇÕES

Acompanhar a evolução do peso do consumo interno de energia na geração de riqueza, ou seja, a intensidade energética da economia é fundamental para quebrar um dos mitos associados aos desafios ambientais: que mais crescimento implica maior consumo energético. Combater esta ideia, dissociando o crescimento do consumo de recursos está na génese do conceito de “*decoupling*” e de estratégias tendentes a uma maior eficiência de recursos, transitando progressivamente para uma economia circular.

Sendo um indicador de pressão, as respostas passam essencialmente por uma crescente penetração das fontes renováveis de energia, assegurando uma tendência para a substituição dos combustíveis fósseis, sinal na maioria dos países, entre os quais Portugal, de redução da dependência energética do exterior.

RELEVÂNCIA NA ELABORAÇÃO/IMPLEMENTAÇÃO E MONITORIZAÇÃO DE POLÍTICAS

A utilização de tecnologias mais eficientes é um dos instrumentos para acelerar a convergência da intensidade energética portuguesa da média europeia (diferencial de 2 Mtpc/PIB), conforme assumido no [Plano Nacional de Ação para a Eficiência Energética](#) - PNAEE 2016, estabelecendo a meta de reduzir em 8,2% o consumo energético em 2016 (face a 2001-2005), razoavelmente próximo da meta europeia de 9% para a poupança de energia. Refira-se que o Eurostat calcula a intensidade energética, que mede a eficiência, com base no PIB a preços constantes de 2010, reportado no Relatório do Estado do Ambiente (REA) 2016, pelo que há uma ligeira discrepância de valores face aos cálculos com base no PIB a preços constantes de 2011.

Convirá reter que, em 2015, a tendência foi de aumento do consumo de energia final na generalidade das actividades económicas, interrompendo a trajectória iniciada em 2006 de redução dos consumos de energia. Esta inversão explica, por exemplo, idêntica inversão de trajectória, como novo aumento da dependência energética do exterior, que aumentou seis pontos percentuais face a 2014, para os 78,3%.

RECOMENDAÇÃO

Tendo em conta que as metas do CCV assumem variações do PIB de acordo com o ponto médio (ou seja 1,4%) dos Cenários Macroeconómicos do REA 2014, que “para o cenário Baixo admitiu um crescimento anual do PIB de cerca de 0,8% ao longo de todo o período de cenarização” e para o cenário Alto uma aceleração do PIB, “partindo de +1% em 2014 até atingir +2,8% em 2025, estabilizando depois nesse nível até 2030”.

Será interessante atender às diferenças assumidas nos cenários do REA 2016, cujo ponto médio é ligeiramente inferior (1,2%).

		Cenários Macroeconómicos													
		REA 2014						REA 2016							
Nível Observado		cenário baixo			cenário alto			Nível Observado		cenário baixo			cenário alto		
		2013	2014-20	2021-30	2031-50	2014-20	2021-30	2031-50	2015	2016-202	2021-30	2031-50	2016-202	2021-30	2031-50
PIB	171,2	0,80%	0,80%	0,80%	1,80%	2,70%	2,50%	179,50%	1,00%	1,00%	0,80%	1,80%	2,20%	2,00%	